



# INFORMATIVO



Ano XI – Nº 100	Primeiro trimestre de 2017	 <b>UDESC</b> UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA
	<b>PROGRAMA DE EDUCAÇÃO  TUTORIAL  PET Geografia  INFORMATIVO</b>	

ISSN: 1982-517X

<u>Nessa edição:</u>	Página
Editorial	3
De Olho no Programa	4
Políticas Locais: Greve dos servidores municipais de Florianópolis	5
Visões do Desenvolvimento Latino-americano: Notas de Síntese, por Lucas dos Santos Ferreira	6
Geografia de Viagem por Salvador – Bahia	16
PET Indica	18
Eventos	20

PET Geografia FAED/UDESC

**Expediente:**

**Bolsistas:** Bárbara Isadora Grando, Bernardo Simon Provedan, Gleidso Ribeiro Ferrugem, Harahel Fernando Campanholo, Ian Monteiro de Assis, Isabella de Carvalho Souza, Luiz Jayme de Souza Neto, Marcelo de Araújo, Marco Antonio Catuti, Mário Faria, Stefany Frois do Nascimento, Thalita Reis Magalhães.

**Tutora:** Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vera Lucia Nehls Dias.

**Edição:** Bárbara Isadora Grando, Gleidso Ribeiro Ferrugem e Mário Faria.

**Revisão:** Grupo PET-Geografia

**Impresso** pelo Grupo PET-Geografia FAED/UDESC, em tamanho A4, fonte Times New Roman.

Sugestões, reclamações, convites, opiniões: [petgeopress@gmail.com](mailto:petgeopress@gmail.com)

## **EDITORIAL**

*Bárbara Isadora Grandó*

Iniciamos o ano dando boas vindas aos calouros e um desejo de bom ano a todos discentes, docentes e técnicos!

Voltamos às atividades, realizando os relatórios de 2016, prestação de contas da verba utilizada e o planejamento das atividades de 2017, ano que participamos na organização do evento regional SulPET, juntamente com a UFSC; finalização da pesquisa Observatório da Grande Florianópolis – Governador Celso Ramos, e lançamento do livro da mesma, além de melhorias nos projetos de ensino e extensão.

Desejamos uma boa gestão à diretora geral Julice Dias e a chefe do departamento de Geografia, Ana Maria Hoepers Preve. Comunicamos o desligamento da bolsista Daiane Rocha Santana, e a incorporação do petiano Mário Faria.

Nesta edição celebramos a 100ª edição do Informativo PETGeo, que iniciou em 2007, e com essa data importante agradecemos a todos que acompanham o Informativo. Que venham mais 100 edições!

# De Olho no Programa

## Avaliação e reformulação dos projetos

Início do ano, novas ideias, vontades renovadas e um desejo de mudar algumas coisas. No nosso caso, o início de 2017 trouxe para o PET Geografia a necessidade de avaliar nossos projetos, para que possamos fazê-los melhores ainda neste ano. Além de avaliá-los, surgiram ideias para ampliarmos alguns de nossos projetos, de acordo com demandas que notamos com a aplicação dos mesmos: como o “Geografia como Profissão”, “Cartografia para Crianças” e “Educação Ambiental”.

Com a aplicação do “Geografia como Profissão” em 2016, que tem o objetivo de levar conversas esclarecedoras sobre o curso e mercado trabalho na área de Geografia para alunos do Ensino Médio e calouros do curso de Geografia, percebemos que muitos estudantes do Ensino Médio têm perspectivas de entrar na universidade, mas muitas vezes desconhecem a realidade dentro da mesma. O projeto em 2017 irá abordar, além de sua ideia inicial, questões como ingresso e permanência estudantil na universidade. Além disso, o projeto contempla relatos de egressos do curso de Geografia que estão inseridos no mercado de trabalho e que atuam como geógrafos ou professores.

O projeto “Educação Ambiental”, que atualmente busca fazer um mapeamento e levantamento geográfico das trilhas da ilha de Florianópolis, identificando suas características e perigos, será expandido para criação e divulgação de material de conscientização sobre descarte correto de resíduos e lixo, e pequenas dicas de segurança nas trilhas.

Nosso interesse em ampliar o “Cartografia para Crianças” se deu pela vontade e necessidade de desenvolver mais conhecimentos geográficos em sala de aula. Através de nossas experiências percebemos que é muito importante que os alunos, ainda em sua alfabetização geográfica, tomem conhecimento de assuntos como astronomia e geologia, além da cartografia.

Com as mudanças nos projetos, esperamos que mais pessoas sejam atingidas e adquiram conhecimentos. Estamos sempre abertos a sugestões e críticas, para que possamos continuar melhorando. Esperamos que 2017 seja um ano de muito aprendizado!

# Políticas Locais

## Greve dos servidores municipais de Florianópolis

O novo prefeito eleito de Florianópolis, Gean Loureiro (PMDB), assumiu o cargo no início do ano e já anunciou uma série de medidas de austeridade para conter a dívida pública da cidade que, segundo a prefeitura, ultrapassa um bilhão de reais.

O “pacotão”, como está sendo chamado, foi proposto em janeiro contendo quarenta medidas de contenção de gastos em diversas áreas, incluindo cortes na saúde e educação, que são de vital importância para os moradores.

Os projetos correm na câmara e serão votados separadamente. Dentre os projetos já aprovados, estão: regularização de construções irregulares, limite de 60 passes mensais para estudantes, além de mudanças em relação à remuneração por serviços noturnos e gratificações dos funcionários públicos.

Por conta do pacote de medidas proposto pelo prefeito, funcionários públicos municipais decidiram paralisar suas atividades. A greve paralisou escolas e creches municipais, além de postos de saúde.

Gean se elegeu comprometido com os funcionários públicos. Dias após ser empossado como prefeito, enviou projetos de lei prejudicando e retirando direitos dos trabalhadores. Apesar do pouco apoio dos veículos de comunicação, grande parte da população se mostrou favorável à greve, inclusive pais e mães de alunos das escolas atingidas pela paralisação.

Na última semana de fevereiro, após uma assembleia com servidores e prefeito, a greve foi encerrada. O acordo contempla gratificações, férias, licenças e serviço noturno, além do plano de cargos e salário. Apesar disso, os servidores continuam em estado de greve pois o acordo ainda deve passar pela câmara dos deputados.

# VISÕES DO DESENVOLVIMENTO LATINO-AMERICANO: NOTAS DE SÍNTESE

*Lucas dos Santos Ferreira*

As breves notas que seguem objetivam apresentar aos alunos do curso de Geografia da UDESC três das principais visões sobre o desenvolvimento latino-americano, a saber: 1) cepalina, estruturada a partir do pensamento de Raul Prebisch, introdutor da teoria keynesiana na América Latina; 2) dependentista, alicerçada sobretudo nas idéias de André Gunder Frank e Rui Mauro Marini e 3) rangeliana, baseada na noção de ciclos de acumulação.

## I

### **Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe – CEPAL**

Fundada em fevereiro de 1948 com o intuito de monitorar e planejar as políticas voltadas à promoção da integração e do desenvolvimento econômico latino-americano, a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) atualmente é uma das cinco comissões econômicas regionais da ONU.<sup>1</sup>

Sua teoria do subdesenvolvimento, centrada na idéia de sistema centro-periferia, destaca a industrialização como único caminho para a superação da miséria e das desigualdades territoriais, sendo forte contraponto aos postulados da economia clássica inglesa.

“Do ponto de vista teórico, a corrente liberal não apresentava maior criatividade, limitando-se a repetir os velhos princípios da regulação automática do mercado, com sua alocação ótima de recursos e a sublinhar a excelência da Teoria das Vantagens Comparativas. A novidade ficava por conta dos desenvolvimentistas que vão encontrar na CEPAL o laboratório para a elaboração e divulgação das novas idéias. De fato, com a morte de Roberto Simonsen, na segunda metade da década de 40, a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe tornou-se o grande bastião da industrialização e de seu planejamento, que iria congregiar os principais pensadores dessa nova ideologia.”<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Compete recordar que na Argentina e no Brasil dos anos 1950 a existência da CEPAL foi sustentada pelo patriótico esforço dos presidentes J.D. Perón e Getúlio Vargas (estabelecimento do acordo de colaboração CEPAL – BNDE em 1952, por exemplo).

<sup>2</sup> MANTEGA, Guido. **A Economia Política Brasileira**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1984, p. 12.

No que se refere aos impactos do comércio internacional sobre os países subdesenvolvidos, a CEPAL enfatiza a noção de deterioração dos termos de intercâmbio (R. Prebisch), que contrapõe fortemente o princípio das vantagens comparativas de David Ricardo. Para a CEPAL, a ampliação das disparidades entre o centro e a periferia do sistema capitalista decorre da redução da taxa de expansão das importações à medida que prossegue o progresso técnico poupador de insumos primários (menor elasticidade-renda dos produtos primários), provocando desequilíbrios estruturais dos balanços de pagamento e elevação das taxas de desemprego (também gerado por insuficiência de poupança). Para agravar a situação, o ritmo de absorção do progresso técnico é considerado maior nas economias avançadas do que nas economias atrasadas (ganhos de produtividade são transferidos, gerando uma diferenciação da renda em favor das nações desenvolvidas).<sup>3</sup>

Segundo R. Prebisch, “se por coletividade entende-se tão somente o conjunto dos grandes países industrializados, é verdade que o fruto do progresso técnico distribui-se gradativamente entre todos os grupos e classes sociais. Todavia, se o conceito de coletividade também é estendido à periferia da economia mundial, essa generalização passa a carregar em si um grave erro. Os imensos benefícios do desenvolvimento da produtividade não chegaram à periferia numa medida comparável àquela de que logrou desfrutar a população desses países. Daí as acentuadíssimas diferenças nos padrões de vida das massas destes e daquela, assim como as notórias discrepâncias entre as suas respectivas forças de capitalização, uma vez que a massa de poupança depende primordialmente do aumento de produtividade.”<sup>4</sup>

As economias latino-americanas teriam desenvolvido estruturas com baixo nível de diversificação e desarticuladas de um setor primário-exportador dinâmico (*crecimiento hacia afuera*), que, por si só, seria incapaz de espalhar progresso técnico para o restante do sistema, de empregar de forma racional o conjunto da mão-de-obra e de permitir o crescimento da renda média da classe operária.<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> BIELSCHOWSKY, Ricardo. **Pensamento econômico brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

<sup>4</sup> PREBISCH, Raul. O desenvolvimento econômico da América Latina e alguns de seus problemas principais. In: BIELSCHOWSKY, Ricardo (org). **Cinquenta anos de pensamento na CEPAL**. Rio de Janeiro: CEPAL/COFECON, 2000.

<sup>5</sup> COLISTETE, Renato Perim. O desenvolvimentismo cepalino: problemas teóricos e influências no Brasil. In: **Estudos Avanços**, nº 41, jan./abr. 2001.

O angariamento de apoio ao desenvolvimento industrial (substituição de importações) por parte do ente estatal, abarcaria medidas como: 1) emprego de dividendos oriundos do setor exportador no fomento da atividade industrial (estímulos de mercado ao setor exportador são considerados força desnorteadora); 2) proteção contra a concorrência externa desigual para defender o crescimento das “indústrias infantês” (F.List, *Sistema Nacional de Economia Política*); 3) utilização da produtividade social marginal como critério para a seleção dos investimentos e 4) realização de investimentos estatais diretos e planejamento da utilização da moderna tecnologia.<sup>6</sup>

Compete mencionar, a propósito da visão em questão, a enorme relevância da realização de reformas como forma de superação de distorções histórico-estruturais: “a Cepal apontava como medidas corretivas dos bloqueios a adoção de reformas estruturais levadas a efeito pelo Estado, principalmente a reforma agrária, pois a concentração de terra provocava restrições insuperáveis ao mercado interno, impedindo o avanço industrial, além de que a agricultura latifundiária trabalhava com técnicas primitivas, gerando baixa produtividade e insuficiência de alimentos e matérias-primas nas cidades, e assim elevação dos custos industriais. A transferência de mão-de-obra da agricultura para a indústria provocaria automaticamente, na visão da Cepal, distribuição de renda, decorrente do aumento de produtividade, e a reforma agrária ampliaria o mercado interno, atendendo às necessidades do avanço da industrialização.”<sup>7</sup>

## II Teoria da Dependência

Nascida como suposta superação do “desenvolvimentismo cepalino”, a teoria da dependência buscou compreender o enfrentamento do subdesenvolvimento latino-americano abandonando a questão do vencimento de etapas históricas (W.W. Rostow).

---

<sup>6</sup> “... teria ocorrido uma mudança de direção do crescimento periférico a partir da I Guerra Mundial, num processo que ganharia um impulso decisivo na depressão dos anos 30. Até então o crescimento havia sido ‘para fora’, dentro do padrão primário-exportador. As transformações na economia mundial... teriam sido responsáveis por um processo espontâneo de industrialização, dinamizado por problemas de desequilíbrios no balanço de pagamentos.” BIELSCHOWSKY, Ricardo. **Pensamento econômico brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004. p. 17.

<sup>7</sup> MAMIGONIAN, Armen. **Teorias sobre a industrialização brasileira**. In: Cadernos Geográficos (nº 2). Florianópolis: DGC/UFSC, 2000. O autor destaca ainda o equivoco interpretativo desta escola no que se refere ao Regime Militar Brasileiro, que não encaminha reformas estruturais de cunho social para acelerar vitoriosamente a conclusão do parque fabril nacional (Departamento I – Bens de Produção).



Escrita entre 1966 e 1967 na cidade de Santiago do Chile por Cardoso e Faletto, *Dependência e desenvolvimento na América Latina* procurou explicitar a natureza social e política do desenvolvimento latino-americano, demonstrando que as condições, possibilidades e formas deste processo são influenciadas por relações de dependência com os pólos hegemônicos do sistema capitalista.

Os autores sintetizam que “... o problema teórico fundamental é constituído pela determinação dos modos que adotam as estruturas de dominação, porque é por seu intermédio que se compreende a dinâmica das relações de classe. Ademais, a configuração em um momento determinado dos aspectos político-institucionais não pode ser compreendida senão em função das estruturas de domínio. Em consequência, também é por intermédio de sua análise que se pode captar o processo de transformação da ordem política institucional. Esta opção teórica fica apoiada empiricamente pelo fato de que as transformações históricas significativas do processo de desenvolvimento latino-americano têm sido acompanhadas, senão de uma mudança radical na estrutura de dominação, pelo menos pela adoção de novas formas de relações, e portanto de conflito, entre as classes e grupos.”<sup>8</sup>

A hipótese apresentada na obra é a de que a vida política e o perfil das sociedades latino-americanas assumiram conotações diferenciadas conforme se tratasse de países que mantiveram o controle nacional do sistema exportador ou em que prevaleceram economias de enclave na fase de crescimento para fora. Segundo os autores “... a reação ao sistema que supõe o enclave, por parte dos grupos locais que controlavam a economia, permitiu, em certos países, uma política do retraimento que tratava de manter o controle de parte do sistema produtivo e, ao mesmo tempo, de avanço político no sentido de que por intermédio da mesma burguesia mercantil-financeira ou rural alcançou-se o acordo básico com os setores do enclave. Em outros países, a própria debilidade do sistema exportador exposto à pressão dos grupos intervencionistas internacionais não permitiu, senão de forma muito débil, a referida política de retraimento e acomodação. De atores do processo produtivo passaram a ser gestores de empresas estrangeiras, limitando-se assim o alcance econômico do setor

---

<sup>8</sup> CARDOSO, Fernando Henrique; FALETTO, Enzo. **Dependência e desenvolvimento na América Latina: ensaio de interpretação sociológica**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1970, p. 22.

nacional ao controle regional da produção agrícola ou mineira destinada ao mercado interno.”<sup>9</sup>

Mesmo a ótima conjuntura do período desenvolvimentista inaugurado com a crise de 1929, que permitiu o desencadeamento de substituições de importações do chamado Departamento II (bens de consumo) e a complexificação das sociedades latino-americanas, não impediram a posterior abertura de uma fase de estagnação, visto que não foram reorganizados os sistemas social e político, com determinados grupos não sendo apeados do poder.

Avançando para o processo de mundialização do capital que então se iniciava, visando um contraponto às teses sobre a inevitabilidade da estagnação decorrente da contradição entre imperialismo e questão nacional, os autores mencionados defendem a equivocada idéia de que pode ser processada a ampliação dos mercados internos das economias mais frágeis por intermédio da entrada de investimentos industriais externos. Para tanto, Cardoso e Faletto cunham a noção de “*desenvolvimento dependente-associado*” com o intuito de mostrar a convergência dos interesses nacionais e internacionais para superar a estagnação.

Em resumo, insistindo que as teias de relações políticas que uniam dois tipos de economia – as desenvolvidas e as subdesenvolvidas –, moldavam às formas de desenvolvimento político e social de cada país da região<sup>10</sup>, os autores defendiam que “as alianças dos grupos e forças sociais internas estão afetadas por sua vez pelo tipo e intensidade das mudanças, e estas dependem, em parte, do modo de vinculação das economias nacionais ao mercado mundial; a articulação dos grupos econômicos nacionais com os grupos e forças externos realiza-se distintamente e com conseqüências diferentes, antes e depois de começar um processo de desenvolvimento. O sistema interno de alianças políticas altera-se, além disso, muitas vezes em conseqüência das alianças existentes no plano internacional.”<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> Idem, p.53.

<sup>10</sup> Ao apresentar essas relações desiguais estabelecidas entre as economias avançadas e atrasadas - referendando empiricamente os casos de Argentina, Brasil e México - como determinantes do desenvolvimento dos países latino-americanos, são contrapostos os determinismos culturalistas de Lawrence Harrison (*The Central Liberal Truth*) e M. Novak (*Why Latin America is poor?*), bem como o desenvolvimento linear rostowiano que inspirou a parábola *The Grocer and the Chief* de Daniel Lerner.

<sup>11</sup> CARDOSO, Fernando Henrique; FALETTTO, Enzo. *Dependência e desenvolvimento na América Latina: ensaio de interpretação sociológica*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1970, p. 29.

A propósito da referida análise, é mister destacar que seu posicionamento difere significativamente de outros autores da chamada “escola dependentista” que viam no socialismo a única alternativa para superação do subdesenvolvimento. Para os dependentistas de esquerda<sup>12</sup>, a dominação imperialista só é passível de sustentação em decorrência da existência de elites locais incapazes de pensar suas nações sem orientação externa, ou seja, de encaminhar revoluções burguesas próprias (*burguesias associadas*).

Igualmente o reformismo de governos com tendência mais popular é considerado insuficiente por estes teóricos da dependência, dada a situação de *superexploração dos trabalhadores* – configurada pelo fato de que estes recebem um salário inferior ao nível de subsistência com carga de trabalho ampliada – e que parte da mais-valia é transferida para o centro dinâmico do sistema pela troca desigual de mercadorias no comércio internacional e pelas multinacionais (*mais-valia extraordinária*).<sup>13</sup>

“André Gunder Frank escreveu, nessa época, vários artigos na Revista Brasiliense e outros tantos livros tentando demonstrar as características do ‘desenvolvimento do subdesenvolvimento’, trazendo para o Brasil as idéias da nova esquerda norte-americana, cujos expoentes, como Paul Baran, Paul Sweezy, Harry Magdoff e Leo Huberman, tornavam-se conhecidos no país. Se o Brasil já era capitalista e subdesenvolvido, porque explorado pelo imperialismo, como se dava a produção do excedente nacional? Coube a Rui Mauro Marini responder a essa questão com sua teoria da ‘superexploração dos trabalhadores periféricos’, explorados, a uma só vez, tanto pela burguesia local quanto pela imperialista, e sem condições aquisitivas de consumir as mercadorias produzidas pela indústria nacional. Nessa circunstância, diante da

---

<sup>12</sup> André Gunder Frank (Capitalismo y subdesarrollo em America Latina. Buenos Aires, Signos, 1970), ao colocar que o capitalismo começou a caracterizar a sociedade latino-americana e chilena no século XVI, torna procedentes as considerações de George Novack (Formações híbridas e a revolução permanente na América Latina. In: **O desenvolvimento desigual e combinado na história**. São Paulo: Ed. Sundermann, 2008) a propósito de sua interpretação dependentista da história, visto que esta: 1) concentra-se excessivamente na esfera das trocas em detrimento das relações estabelecidas no âmbito da produção, desconsiderando que os artigos de consumo podem ser confeccionados em condições pré-capitalistas, sendo o capital mercantil uma forma que antecede e cria as condições (*antediluviana*) para a instalação do modo de produção capitalista; 2) não atenta para a possibilidade de coexistência de formas menos desenvolvidas do capital com condições estruturais pré-capitalistas; e 3) perde de vista a questão do uso das condições pré-capitalistas como mecanismo central da exploração colonial e de beneficiamento do nascente capitalismo europeu.

<sup>13</sup> BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Do Iseb e da Cepal à teoria da dependência. In: TOLEDO, C. N. de. (org.) **Intelectuais e política no Brasil: a experiência do Iseb**. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

precariedade do mercado interno, só haveria uma maneira de se expandir a acumulação industrial brasileira: invadir os mercados dos países da América Latina ainda menos desenvolvido do que o Brasil. E assim surgia a tese do ‘subimperialismo brasileiro’ juntamente com a tese do ‘capitalismo colonial’, com a tese do ‘desenvolvimento do subdesenvolvimento’ e com a tese da ‘superexploração da força de trabalho’...”<sup>14</sup>

De acordo com Marini, o desenvolvimento das forças produtivas a nível mundial, dentro dos padrões capitalistas, sequer permite avanços em termos de superação desse círculo vicioso, considerando a maior integração do sistema e os crescentes investimentos externos realizados na periferia capitalista: “Se é certo que a estatização e a militarização imperialista se realizam em função do campo socialista, também é certo que obedecem a dinâmica própria do sistema e expressam os mecanismos básicos que os regem. Em último caso, esta dinâmica e estes mecanismos se referem à acumulação de capital no interior do sistema, que tende a concentrar – pela superexploração do trabalho nas economias periféricas – partes sempre crescentes de mais valia nos centros integradores. O aumento do excedente aplicável de que dispõe, mesmo que seja dissipado em atividades não produtivas, como indústria bélica e a publicidade, acarreta um incremento constante dos investimentos diretos nas economias periféricas, através das quais se realiza progressivamente a integração do sistema produtivo destas ao sistema do centro integralizador”<sup>15</sup>

A análise apresentada culmina com a proposição do socialismo como único mecanismo de superação do subdesenvolvimento, desconsiderando, em diversos casos concretos, a necessidade de agravamento da contradição entre as forças produtivas e as relações de produção, bem como de enorme acumulação de forças políticas de cunho revolucionário, para a efetivação da transição socialista.

“Por lo tanto, la propuesta de avanzar en la construcción del socialismo del siglo XXI es una invitación que no debe ser desechada. Claro esta que, en el terreno económico, se trata de un socialismo superador de la anacrónica antinomia ‘planificación centralizada o mercado incontrolado’ y que, en cambio, abre espacios para la imaginación creadora de los pueblos en la búsqueda de nuevos dispositivos de control popular de los procesos económicos, dotados de la flexibilidad suficiente para

---

<sup>14</sup> MANTEGA, Guido. **A Economia Política Brasileira**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1984, p. 15.

<sup>15</sup> MARINI, Rui Mauro. Subdesenvolvimento e Revolução. In: BARSOTTI, Paulo; PERICÁS, Luiz Bernardo (orgs). **América Latina – Histórias, Idéias e Revolução**. Ed. Xamã, São Paulo, 1999, p. 117.

responder con rapidez al torrente de innovaciones que día a día modifica la fisionomía del capitalismo contemporáneo... en caso de que no logremos constituirlo, lo que resta es ser testigos de la perpetuación y agravamiento de esta barbarie que pone en peligro la sobrevivencia misma de la especie humana”<sup>16</sup>

### III Ciclos de Acumulação (Ignacio Rangel)

Ignacio Rangel, como bem destaca R. Bielschowsky<sup>17</sup>, é o mais original intérprete do desenvolvimento econômico brasileiro. Economista maranhense, influenciado sobretudo por Marx e Lênin, participou do planejamento e da gestão econômica dos governos de G. Vargas, J. Kubitschek e J. Goulart, sendo autor de algumas das mais importantes obras do pensamento econômico nacional, a exemplo de *“Economia: milagre e anti-milagre”* e *“A inflação brasileira”*.

A propósito do pensamento do autor em tela, o geógrafo A. Mamigonian destaca algumas de suas idéias fundamentais: 1) dualidade básica da economia brasileira, 2) papel dos ciclos longos ou Kondratieff, 3) papel dos ciclos breves ou Juglar e 4) capacidade ociosa e pontos de estrangulamento na economia.<sup>18</sup>

Ao analisar a evolução do sistema capitalista mundial, Rangel percebeu a grande validade da idéia de ciclos longos formulada pelo russo Nicolai Kondratieff<sup>19</sup>, que constatou a existência de fases de expansão e fases de recessão que juntas formavam ondas históricas de aproximadamente meio século de duração. Com a geração de crises sistêmicas decorrentes da ampliação da composição orgânica do capital e da anarquia produtiva (superprodução – subconsumo), responsáveis por queda das taxas de lucro, o capitalismo é forçado a maturar e introduzir no circuito produtivo novas invenções que

---

<sup>16</sup> BORON, Atílio Alberto. **Socialismo del siglo XXI - ¿ Hay vida después del neoliberalismo?** Ciudad de Buenos Aires: Ed. Luxemburg, 2008, p. 41.

<sup>17</sup> BIELSCHOWSKY, Ricardo. **Pensamento econômico brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimento.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

<sup>18</sup> MAMIGONIAN, Armen. Introdução ao pensamento de Ignacio Rangel. In: **Revista GEOSUL**, nº 3, Ano II. Florianópolis: Editora da UFSC, 1º sem. 1987.

<sup>19</sup> KONDRATIEFF, N. **Las Ondas Largas de la Economía.** Madri: Revista de Occidente, 1946.

reconduzem o sistema aos padrões de normalidade, em processo denominado de “destruição criadora” pelo economista austríaco Joseph Schumpeter.<sup>20</sup>

Partindo de tal premissa, o marxista maranhense constatou que o Brasil, como parte da imensa periferia latino-americana, tinha reações distintas em cada uma das etapas dos ciclos longos, ampliando sua participação na divisão internacional do trabalho nas fases de expansão mundial e intensificando substituições de importações nas fases recessivas. Superando a concepção cepalina, Rangel percebe que são processadas substituições de importações compatíveis com o patamar de desenvolvimento das forças produtivas nacionais, ocorrendo num primeiro momento no interior da fazenda de escravos (*substituição natural*), posteriormente nas cidades com forte presença do capitalismo mercantil (*substituição artesanal-mercantil*) e somente num último momento substituindo escalonadamente importações industriais (setor por setor do Departamento II ao I, respeitando ciclos internos com duração próxima de 10 anos – *Juglar*).

Ao largo das vagas cíclicas mencionadas, na visão de Rangel, compete ao ente estatal promover a adequada alocação dos recursos existentes, com destaque para os inutilizados, visando eliminar os estrangulamentos e ampliar o ritmo de desenvolvimento das forças produtivas, e, por conseguinte, das relações de produção (*dialética da capacidade ociosa*).

Partindo para a questão das relações de produção, o autor contrapôs a visão circucionista de Caio Prado Jr. e Roberto Simonsen<sup>21</sup>, ao demonstrar a existência de combinações de modos de produção (*dualidades*) no interior dos institutos fundamentais da economia brasileira (assim como em seu conjunto) e a formação de pactos de poder com duas classes sociais dominantes, uma capitaneando politicamente a nação (*sócio-maior*) e outra provendo dinamismo ao sistema (*sócio-menor*).<sup>22</sup>

Conforme A. Mamigonian “... Ignacio Rangel acrescentou aos seus mestres Marx e Lênin conhecimentos assimilados em A. Smith, Keynes, Schumpeter e

---

<sup>20</sup> SCHUMPETER, Joseph. **Capitalismo, Socialismo e Democracia**. Rio de Janeiro: Ed. Fundo de Cultura, 1961.

<sup>21</sup> Vigorosa crítica ao circucionismo, que influenciou os pensadores dependentistas, pode ser encontrada em: VIEIRA, M. G. E. D. **Formação Social Brasileira e Geografia: reflexões sobre um debate interrompido**. Dissertação de Mestrado em Geografia, UFSC, Florianópolis, 1992.

<sup>22</sup> RANGEL, Ignacio. A história da dualidade brasileira. In: **Revista de Economia Política**, nº 4, Rio de Janeiro, 1981.

Leontiev, combinação que a escola francesa da regulação (M.Aglieta e R. Boyer) realizou mais de vinte anos depois, com resultados semelhantes, pois as sucessivas substituições de importações apontadas com antecedência por Rangel para o Brasil (natural, pequena produção mercantil urbana e industrial), correspondem a verdadeiras regulações econômicas, incluindo seus enquadramentos jurídico-institucionais.”<sup>23</sup>

---

<sup>23</sup> MAMIGONIAN, Armen. “Notas sobre as raízes e originalidade do pensamento de Ignácio Rangel”. In: MAMIGONIAN, Armen (Org.). **O pensamento de Ignácio Rangel**. Florianópolis: PPGG/UFSC, 1997.

## **Geografia de Viagem por Salvador – Bahia**

*Bruno Cerino*

**A Bahia que vive pra dizer**

**Como é que faz pra viver**

**Onde a gente não tem pra comer**

**Mas de fome não morre**

**Porque na Bahia tem mãe Iemanjá**

**De outro lado o Senhor do Bonfim**

**Que ajuda o baiano a viver**

**Pra cantar, pra sambar pra valer.**

**Pra morrer de alegria**

**Na festa de rua, no samba de roda.**

**Nas noites de lua, no canto do mar (Gilberto Gil).**

### **SALVADOR**

Quando olhamos à nossa frente o mar azul e cristalino, pisamos sobre a areia grossa da praia do Largo do Bonfim, temos uma espécie de epopeia sentido por todos, que ali estavam de passagem. Desta maneira começamos nosso caminhar pela cidade.

Salvador (Bahia) uma grande cidade-capital, possui uma população estimada em mais de 2,6 milhões de habitantes. É considerada a cidade mais populosa da região Nordeste e a terceira maior capital do país. A economia de Salvador é movida nos dias atuais principalmente pelo setor do Turismo. Onde traz registros históricos na arquitetura, marcas do passado colonial em contraste com a urbanização, memórias físicas da época que Salvador fora a capital do Brasil no período compreendido entre 1549 e 1763.

Percorrer o senhor do Bonfim numa manhã de domingo, é o mesmo que estar comemorando o nascimento de um astro rei, eram inúmeras pessoas e variáveis de se admirar, música, dança e fitas coloriam a praça da catedral. Este aglomerado perante a magia da cristandade católica e do outro lado o mar de Iemanjá, faz justo a canção de Gilberto Gil, Porque na Bahia tem mãe Iemanjá/ De outro lado o Senhor do Bonfim, Que ajuda o baiano a viver/ Pra cantar, pra sambar pra valer.

Pelourinho, que historicamente era o lugar onde os escravos eram castigados, mas que se tornou um dos cartões postais de Salvador. É também lá que está localizada a casa do escritor Jorge Amado que hoje é um centro cultural para visitação. Com as ruas estreitas, longas de paralelepípedos, as cores quentes das memoráveis casas da



arquitetura barroca, misturada com os ambulantes e quadros expostos nas calçadas, dão a lucidez de fazer parte daquela história.

O mercado de Salvador do lado do mar e no meio da cidade, que atrai pessoas de toda cor, credo ou classe social, um verdadeiro formigueiro de trocas, lugar que não tem jeito todo mundo se encosta para levar um objeto ou lembrança da Bahia.

Na igreja de São Francisco, fomos transportados para o império colonial, onde a igreja construía templos luxuosos todo banhado de ouro e lá está sepultada São Francisco. O que não se diferencia dos tempos de hoje, apesar do homem alcançar um nível de técnicas magnífica, o mesmo não se desvinculou da cultura católica "que sempre precisará de retículos tiranos" (Caetano Veloso) e se você não tomar cuidados sua carteira pode simplesmente retroceder, enquanto eles no poder estão enriquecendo e injetando doses de moralidade, que não condiz com a complexidade do mundo, um verdadeiro retrocesso. Taxem as igrejas!

Conseguimos visitar o cinema do grande pensador e cineasta, Glauber Rocha que deixou uma obra crítica através de seus filmes, e influenciou cineastas e cantores como Caetano Veloso. Suas obras de maiores influência são: Terra em Transe, Deus o Diabo na Terra do Sol, A idade da Terra entre outros, o cinema faz um recorte fotográfico de cenas memoráveis de sua obra.

Despedimo-nos de Salvador no Rio Vermelho, centro gastronômico popular em frente ao mar, lá está a estátua de Jorge Amado e Zélia Gattai. Partimos com a certeza, "de um antigo compositor Baiano dizia: que tudo é divino maravilhoso".

Representar a Universidade do Estado de Santa Catarina/ UDESC num evento da maior importância como o ENG-Encontro Nacional de Geógrafos é possibilitar o olhar crítico a outros espaços e relacionar com o seu lugar, compreender as diferenças e se relacionar para construir uma profissão com mais conhecimento/reconhecimento.

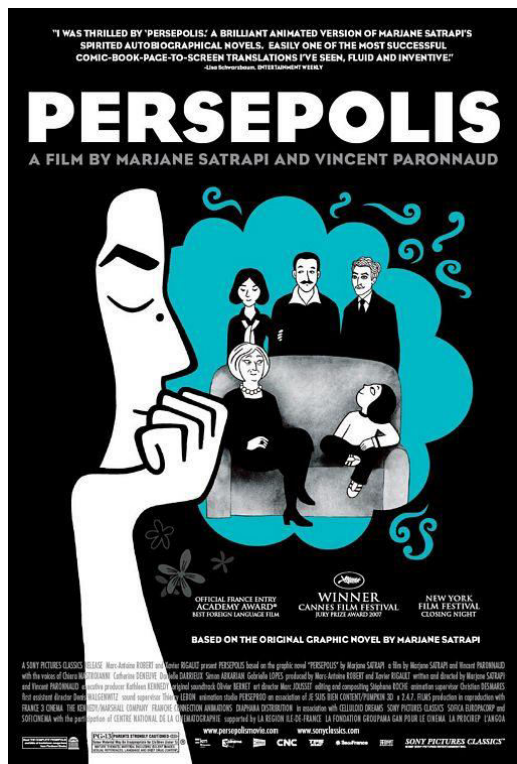
#### Referências

---

ROLNIK, Raquel. Introdução p7, O que é Cidade. Editora Brasileira, 1995

Dados populacionais por: infoescola.com.br

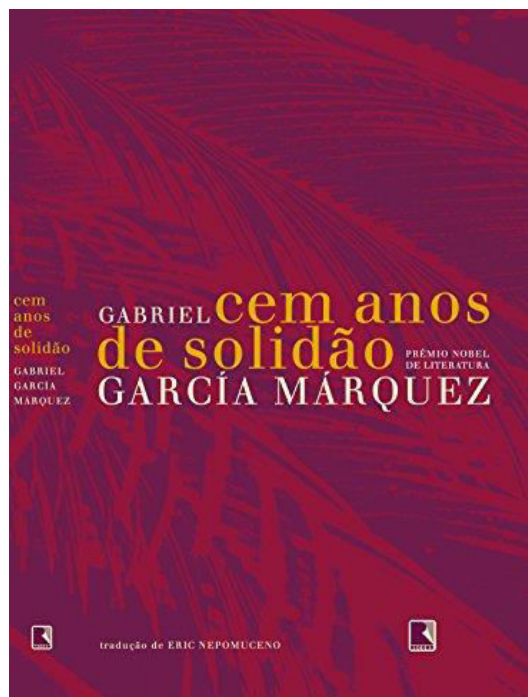
# PET Indica



## Longa Metragem: Persepolis (Vincent Paronnaud e Marjane Satrapi)

**Descrição:** Marjane Satrapi é uma garota iraniana de 8 anos, que sonha em se tornar uma profetisa para poder salvar o mundo. Querida pelos pais e adorada pela avó, Marjane acompanha os acontecimentos que levam à queda do xá em seu país, juntamente com seu regime brutal. Tem início a nova República Islâmica, que controla como as pessoas devem se vestir e agir. Isto faz com que Marjane seja obrigada a usar véu, o que a incentiva a se tornar uma revolucionária.

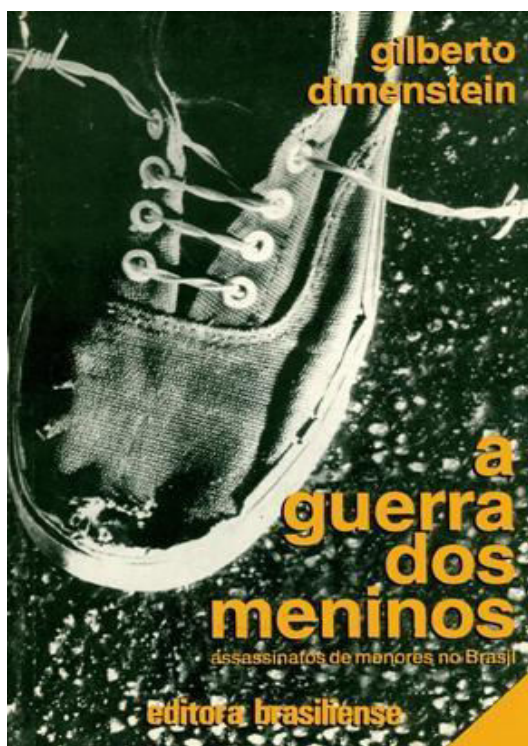
Fonte: AdoroCinema



## Livro: Cem Anos de Solidão (Gabriel García Márquez)

**Descrição:** Em “Cem anos de solidão”, Gabriel García Marquez narra a história da família Buendía, uma estirpe de solitários que habitam a mítica aldeia de Macondo. A narrativa desenvolve-se em torno de todos os membros dessa família, com a particularidade de que todas as gerações foram acompanhadas por Úrsula, uma personagem centenária e uma matriarca conhecida.

Fonte: Livraria Cultura



**Livro: A Guerra dos Meninos – Assassinatos de menores no Brasil (Gilberto Dimenstein)**

Impossível manter-se indiferente diante desta revelação: no Brasil há grupos de extermínio assassinando crianças – uma por dia. São meninos e meninas torturados e maltratados rotineiramente por grupos encarregados de “manter a ordem”. Tal é a realidade do menor marginalizado em várias cidades brasileiras, como prova o relato estarrecedor do jornalista Gilberto Dimenstein.

Fonte: Saraiva

# Eventos

- Seminário Internacional De Infâncias Sulamericanas - 07 a 10 de março – São Paulo-SP
- XVIII Seminário Fábrica de Ideias: Patrimônio, Desigualdades e Políticas Culturais – 18 a 31 de março – São Luís-MA
- II Seminário Vamos falar de Gênero? Transgeneridades, feminismos e direitos civis – 03 a 05 de abril – Cuiabá-MT
- XI Simpósio Nacional Recuperação de Áreas Degradadas – 04 a 06 de abril – Curitiba-PR
- III Simpósio de Gestão Ambiental – 06 a 08 de abril – São Francisco de Paula-RS
- MundoGEO #connect LatinAmerica – 09 a 11 de abril – São Paulo-SP
- XIX Congresso Mundial de Educadores e Educadoras Sociais – 10 a 12 de abril – Campinas-SP
- XXII Encontro Nacionais de Estudantes de Geografia – 12 a 16 de abril – São Gonçalo-RJ
- XX Encontro Regional dos grupos PET do Sul - XX SulPET – 20 a 23 de abril – Florianópolis-SC
- XVI Encontro de Geógrafos da América Latina – 26 a 29 de abril – La Paz-Bolívia
- I Seminário Luso-Brasileiro de Educação Inclusiva – 03 a 05 de maio – Porto Alegre-RS
- I Encontro Nacional de Geopolítica – 08 a 10 de maio – Rio de Janeiro-RJ
- XIII Jornadas Bolivarianas – 15 a 17 de maio – Florianópolis-SC
- II Congresso sobre Tecnologias na Educação – 18 a 20 de maio – Mamanguape-PB
- VIII Colóquio Internacional de Estudantes de Geografia e Meio Ambiente – 18 a 20 de maio – Lima-Peru
- IV Simpósio Internacional Geografia, Literatura e Arte – 24 a 26 de maio – Dourados-MS
- II Congresso Internacional de Hidrossedimentologia – 19 a 22 de junho – Foz do Iguaçu-PR
- III Simpósio Brasileiro de Recursos Naturais do Semiárido – 20 a 22 de junho – Fortaleza-CE
- III Encontro Internacional Participação, Democracia e Políticas Públicas – 30 de maio a 02 de junho – Vitória-ES
- XVII Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada e I Congresso Nacional de Geografia Física – 28 de junho a 02 de julho – Campinas-SP